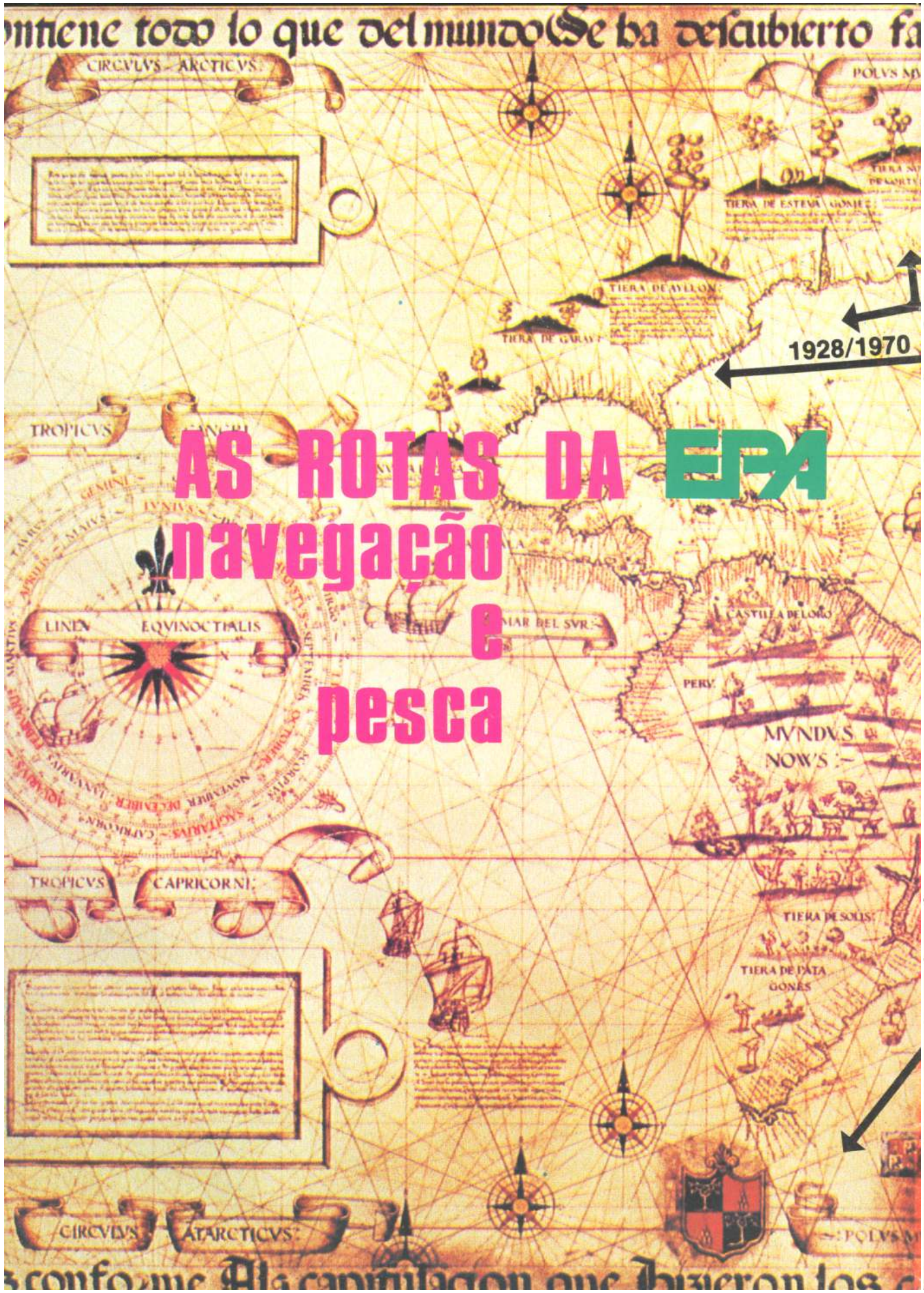




EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, SA

...navegar é preciso...

FLAMULA



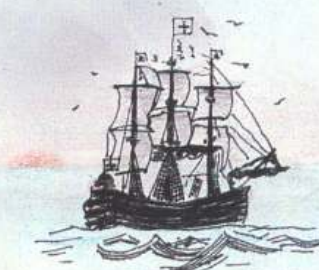
AS ROTAS DA navegação e pesca

1928/1970

Mar Português

Mar salgado, quanto do teu sal
são lágrimas de Portugal!
por te cruzarmos, quantas mães choraram,
quantos filhos em vão rezaram!
quantas noivas ficaram por casar
para que fossés nosso, o mar!

Não vale a pena?
se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
mas nele é que espelhou o céu.



Fernando Pessoa

M. LINO
1985

e agora...

NÃO BASTA GERIR NO PLANO DAS INTENÇÕES. NOS TEMPOS QUE CORREM, O SUCESSO OU O FRACASSO DE UMA QUALQUER ORGANIZAÇÃO É CONDICIONADO PELA FORMA COMO OS RESPONSÁVEIS ENCARAM, IMPLEMENTAM E APLICAM A CHAMADA "QUESTÃO ESTRATÉGICA", OU SEJA, COM QUE LUZIDEZ E EXAURICÃO PROMOVEM O DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO DA EMPRESA, O MODO COMO PLANEIAM E REFINEM OS OBJECTIVOS A ALCANÇAR, A ATENÇÃO QUE CREDITAM À COMPONENTE "ORGANIZAÇÃO", À PREOCUPAÇÃO QUE CONCEDEM AO CONTROLO E À AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS.

SÃO ILUSÓRIAS, A OBTENÇÃO DE CRÉDITOS DE RISCO A CURTO E MÉDIO PRAZO, AS MODIFICAÇÕES PONTUAIS DE ESTRUTURA OU A APLICAÇÃO DE "MANOBRAS DE DIVERSÃO" NO ÂMBITO DA GESTÃO DOS RECURSOS HUMANOS DISPONÍVEIS.

EM MUITO DE TUDO ISTO, UM DETERMINANTE ESFORÇO CORRECTIVO DE ESTRATÉGIAS TEM VINDO A SER EFECTUADO NO ÂMBITO DAS EPS. ISTO PORQUE, NÃO INTERESSA TANTO O QUE PODE-REMOS VIR A SER, MAS SIM O QUE PRETENDEREMOS VIR A SER.

Luís E Sá
Navegar e preciso.





EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, SA

Apartado 46
3801 AVEIRO Codex — PORTUGAL
Escritórios e Fábricas:
Office and Factories:
Chave — Gafanha da Nazaré
3830 ÍLHAVO
Telex 37 466 EPESCA P
Fax 362 550
Telef. 361314 — 361203

Revista comemorativa
do 60.º aniversário da EPA

★

Número Especial

★

Propriedade e Edição:

EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO

★

Coordenação da Revista:

Director Administrativo
e de Organização da EPA — C.S.

★

Coordenação e Arranjo Gráfico:

MÁRIO D'OLIVEIRA

★

Composição, Montagem e Impressão:

CEIG (Cooperativa de Edições
e Impressão Gráfica, CRL)
Rua Sacadura Cabral, 26
DAFUNDO

★

Número de exemplares:

3000

★

Distribuição gratuita

MAIO 1988

QUESTÃO PRÉVIA

Pretende-se com o presente número da revista «Flâmula» — que há muito interrompeu a sua periodicidade — assinalar o 60.º aniversário da Empresa de Pesca de Aveiro, o qual decorreu no passado dia 26 de Maio do corrente ano.

O formato diferente e a introdução das assinaláveis melhorias gráficas ficam a dever-se a apoios que gentilmente nos foram concedidos.

Assim, entendeu o Conselho de Administração marcar tal efeméride com a publicação da presente revista, não numerada e de distribuição gratuita.

Aveiro, Junho de 1988
O Conselho de Administração



agora abre
em 3 tempos



Atum
está mais que visto
só se for Bom Petisco



GESTÃO EMPRESARIAL

MODERNIZAÇÃO TECNOLÓGICA

Actualmente as empresas tanto no seu funcionamento como na sua forma sofrem mutações constantes devido essencialmente às grandes transformações tecnológicas, à influência dos «media», à crescente especialização e concorrência dos mercados.

As organizações devido à sua crescente complexidade (maior volume de informação a tratar, relações inter-sectoriais mais densas, etc.) devem socorrer-se de meios técnicos e humanos adequados de modo a dar resposta às exigências da sociedade moderna.

Quaisquer que sejam as estratégias a implementar, elas estarão sempre condicionadas pela maior

ou menor qualidade e agressividade dos seus quadros e da sua gestão, da sofisticação dos seus equipamentos, do profissionalismo e competência dos seus trabalhadores e pela conseqüente qualidade dos seus serviços e produtos a promover.

Como tal assume um papel relevante na gestão empresarial a modernização tecnológica, a investigação e a formação profissional adequada de modo a acompanhar o ritmo da inovação.

Para a realização destes objectivos fundamentais é necessária a mobilização de avultados

recursos financeiros que só poderá ser conseguida através de uma maior participação das entidades públicas.

A modernização tecnológica, ao apetrechar as unidades industriais com equipamentos mais sofisticados, permitirá atingir produtividades mais elevadas e a conseqüente redução de custos de produção, libertando meios humanos para novas tarefas e actividades.

Complementarmente e através de uma formação profissional adequada proceder-se-á à reconversão de novos postos de trabalho através da aprendizagem de novas técnicas e de novos processos produtivos.

Num contexto de mudança e de inovação a Informática tem também um papel decisivo quer pela simplificação de processos como pelo tratamento mais cuidado e rápido da informação, facilitando o processo da tomada de decisões.

É para este processo dinâmico que todos os agentes económicos (trabalhadores, órgãos de decisão públicos e privados e detentores de capital) devem estar altamente sensibilizados pois só assim se poderá melhorar a competitividade e partir à conquista de mercados cada vez mais exigentes.

Mário Alberto Figueiredo

Aspecto actual dos escritórios centrais da EPA — Gafanha, 1988



sem título

De Jeans, óculos Rayban, encostado ao seu potente carro olhava atenciosamente o edifício. Embora degradado e com mazelas não detectáveis à primeira vista, transmitia a certeza de possuir bons alicerces, capazes de aguentar obras de restauração que lhe dariam o vigor e estabilidade iniciais.

Arriscou. Comprou.

As vistorias efectuadas confirmaram os bons alicerces da fundação, mas também a enorme degradação resultante de anos descuidados de conservação.

Os estragos eram superiores aos previstos.

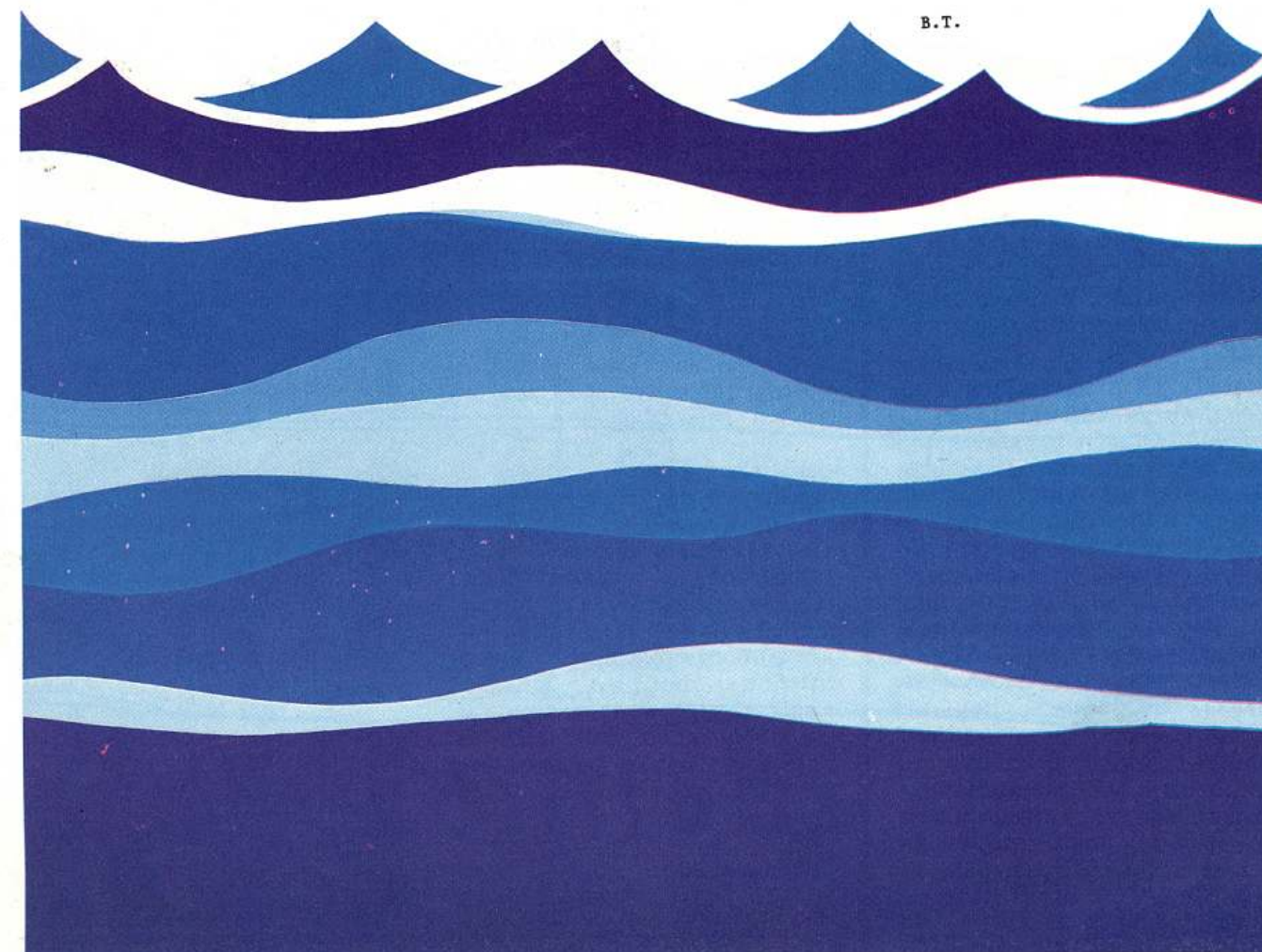
Sem desânimo pôs mãos à obra. A tarefa não é fácil. Algu mas reparações iniciadas dão um ar mais airoso ao edifício. Falta a grande reparação.

Essa terá que ser iniciada rapidamente sem o que haverá perigo de desmoronamento. É preciso negociar bem o custo da obra e escolher criteriosamente os operários.

Estamos convictos que a restauração se efectuará.

A EPA será maior.

B.T.





Actualidade

Actualidade

Numa singela cerimónia comemorativa dos 60 anos da EPA — da qual se destaca o desceramento, efectuado pelos 4 mais antigos funcionários, de uma fotografia do Administrador-Delegado e sócio fundador da Empresa, Egas Salgueiro — o Presidente do Conselho de Administração proferiu um curto improviso no qual salientou a pessoa do homenageado, terminando por tecer algumas considerações de esperança quanto ao futuro da EPA.

Ainda na presença dos quadros da EPA e de trabalhadores em representação dos vários sectores fabris e oficinais, o Governador Civil de Aveiro e Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Empresa proferiu algumas palavras onde distinguiu a figura e personalidade de Egas Salgueiro, felicitando os actuais dirigentes, quadros e funcionários presentes, a quem desejou as maiores felicidades.

Por iniciativa de alguns funcionários, à noite teve lugar um jantar muito concorrido findo o qual tomaram a palavra os dois funcionários mais antigos da Empresa, Srs. Manuel Salgado Mendes e Joaquim Lemos da Silva Félix e o Presidente do Conselho de Administração.

C. S.



Presidente do Conselho de Administração no uso da palavra



Aspecto parcial dos funcionários presentes à cerimónia

26 maio 1988



Manuel Carvalho, Lda.

PRODUTOS ALIMENTARES

CONGELADOS

RUA HERÓIS DE FRANÇA, 315 e 433 * TELEFS.: 93 40 16 e 93 47 22

4450 MATOSINHOS

delegação
GAFANHA DA NAZARÉ



económicas exclusivas de 200 milhas, sobre as quais os Estados costeiros passaram a exercer direitos soberanos para fins de exploração dos recursos naturais, biológicos ou não.

O acesso aos pesqueiros e as capturas passaram a ser limitados a quotas anuais, estabelecidas por negociações bilaterais com os Estados costeiros e com organizações internacionais competentes em matéria de gestão e conservação dos recursos, mesmo no alto mar (NAFO).

Em 1985, a frota, actuando no Atlântico Noroeste e Nordeste, era constituída por 53 navios com uma capacidade de carga de 29 000 tons para congelados e do equivalente a 62 000 tons de bacalhau à saída da água, para salgar.

Considerando a possibilidade de duas viagens por ano, a capacidade anual de captura seria aproximadamente dupla da indicada (58 000 de congelados e 124 000 de bacalhau fresco).

Como as quotas de pesca atribuídas pelo Canadá e Noruega, em consequência de acordos bilaterais, e as atribuídas por organizações internacionais (NAFO) totalizaram 55 985 tons em 1985 (28 815 tons de bacalhau e 27 170 tons de



Mau tempo no mar alto — arrastão clássico de capa com brisa dura

outras espécies), resulta que a capacidade de captura era excedentária em 95 000 tons de bacalhau e 30 000 de outras espécies, ou seja mais de metade da frota existente.

Com a adesão à CEE em 1986, cessaram os efeitos dos acordos bilaterais, não se tendo verificado ainda possibilidades alternativas de captura, pelo que a actuação da frota longínqua terá que se adaptar aos recursos disponíveis, que poucos são.

Com a interdição do acesso aos pesqueiros tradicionais dos portugueses desde o fim do século XV, a pesca é agora limitada a águas internacionais, onde o bacalhau não abunda, e o abastecimento de bacalhau salgado seco passou a depender quase

exclusivamente da importação de países onde a espécie tem o seu habitat e é protegida como fonte de riqueza.

ALBUQUERQUE MATOS

Bibliografia:
AMZALAC, M.B. — A pesca do bacalhau, 1923
ROQUE, M.A. — O bacalhau na economia portuguesa, 1981
MOUTINHO, M. — História da pesca do bacalhau, 1985
DEPARTMENT OF FISHERIES — CANADÁ — Sea, Salt & Sweat, 1977



Exposição de bacalhau para secagem



ROSTO DE UM FUNDADOR

Contudo, por vezes, era homem irónico e travesso; de espírito jovem, associando-se ao seu clã quando se planeava uma festa ou qualquer jantar de confraternização. Mesmo o seu aspecto físico pouco se alterou no decurso de muitos anos. Sentia que não podia envelhecer.

Aqueles que melhor o conheceram podem afirmar que toda a sua força provinha de uma combinação de virtudes, como energia, inteligência e memória, aliadas a uma ambição natural.



Egas da Silva Salgueiro

Ainda muito moço, mal o dia clareava, estrada fora, montado na bicicleta em despique com o vento, alheio a fadigas, chegava à Gafanha num ritual repetitivo, só alterável quando outras obrigações, fora de Aveiro, a tal o obrigavam.

Transpunha de bateria, bicicleta ao lado, o Esteiro Oudinot. Uma passagem fugaz, (ou não) pelo barco, constituía a sua primeira preocupação diária. Depois era o ver e o ouvir; daí tirava as linhas com que fazia a pauta por onde ia regendo a sua sinfonia. Como todo o maestro procedia às correcções devidas e dava as ordens que entendia necessárias; agia preferentemente, de molde a inspirar os outros com o seu exemplo. Foi esse um dos grandes segredos do seu êxito, pois não era homem que trabalhasse sozinho.

Poucas vezes o receio do fracasso o fez vacilar. A força da

Tinha a noção exacta do seu valor, do seu poder, sem, todavia, ser vaidoso.

Sua certeza era impressionante; tornou-se lendária a sua capacidade de previsão.

Agreste, de quando em quando, para com aqueles de quem mais gostava, ferindo-lhes a sensibilidade como num alerta para o melhoramento do trabalho pessoal, o progresso da EPA e o chamamento à imitação da sua pessoa. Homem de preferências marcadas; amigo do seu amigo!

... Mas Egas Salgueiro não era eterno; sentindo o peso dos anos, entregou o seu cargo com a mesma força com que o assumiu e, calmamente, afastou-se, de vez, com a satisfação da verdadeira realização de uma obra que foi, e será sempre — EPA.

M. Armada Grangeon





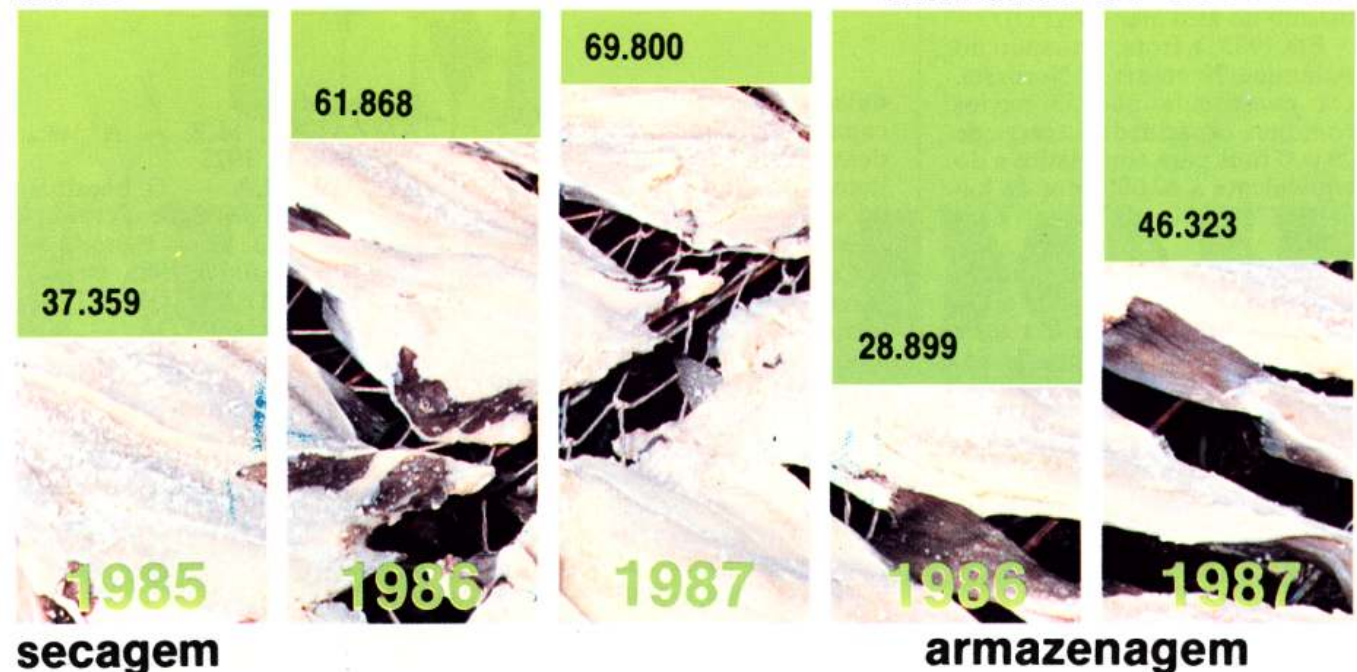
Viegas & Lopes, Lda.

• FABRICANTES DE CONSERVAS DE PEIXE •

P.O. Box: 90 — R. Almeida Garret, 54/62 • Tels.: 22057/8 • 2901 SETÚBAL CODEX

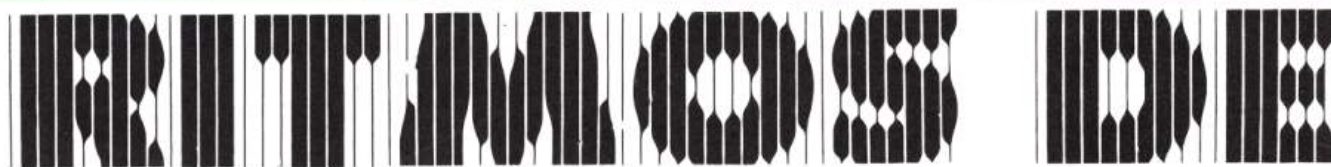


SECA

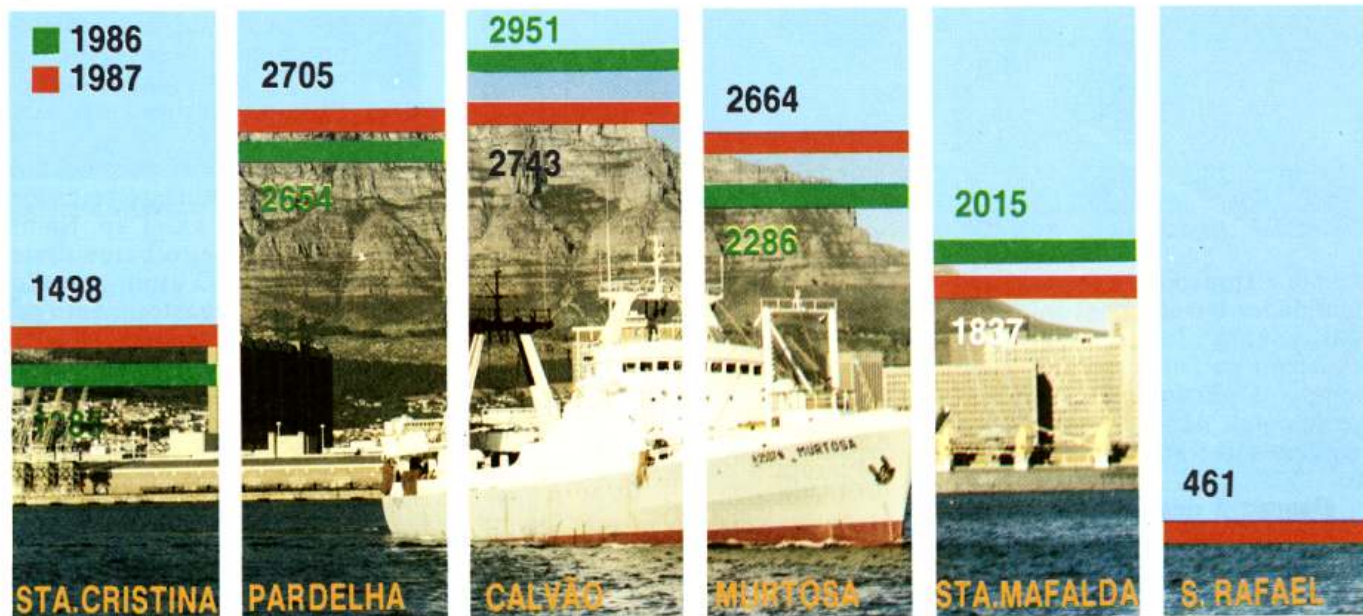


CONSERVAS





CAPTURAS EM TONELADAS

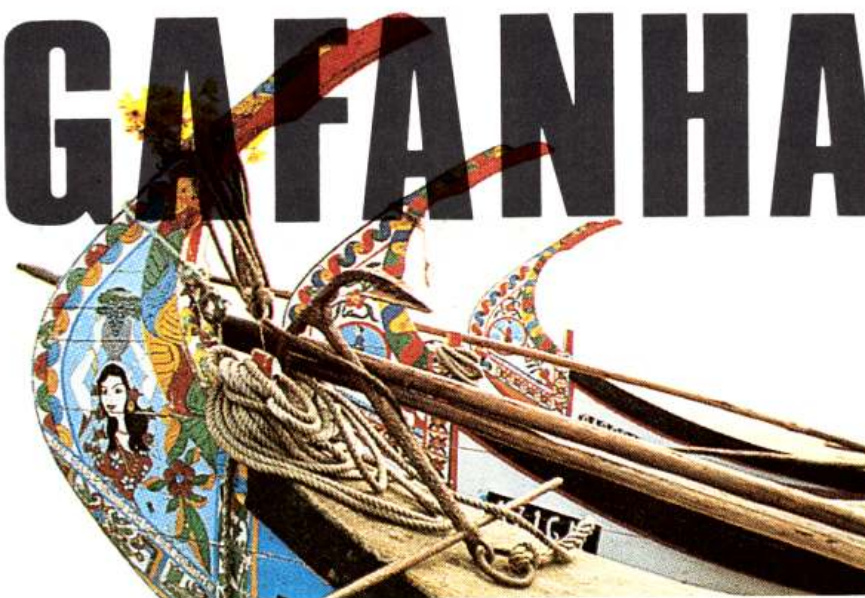


ARMAMENTO

PROCESSAMENTO DE PEIXE



GAFANHA



adubar as terras. De feições duras, cortidas pelo sol, belo corpo de qual bronze talhado a cinzel, é assim o Gafanhão.

É a «Mulher da Gafanha» símbolo de trabalho, de sacrifício, de poupança, de coragem e abnegação. Nem o belo sol que a aquece e a suave brisa que a refresca lhe adoça a dura batalha sem tréguas, nem limite de esforços que na sua luta constante

Corria o ano de 1760 quando os primeiros colonos se instalaram, de costas para o mar, em terrenos encharcados e pantanosos, impróprios para o que quer que fosse... pensava-se então; mas esta gente de garra, cedo sentiu que não podia permanecer nessa obstinada posição e logo se convenceu que o futuro desta terra, denominada Gafanha, estaria na ria que os beijava mansamente.

tornou a florescer e a Gafanha nos primeiros anos deste século sobre a povoação, saída, assim, duma vida sem rasgos nem história.

O charco de então, adubado com o próprio lodo que lhe servia de berço, algas e molicho, torna-se numa terra produtiva. O Gafanhão começa a ter esperança, trabalhando-a afanosamente.

O homem no seu moliceiro, de proas elegantes pintadas com cores vivas e decoradas com dizeres e figuras maliciosas, lá vai andando mansamente entre os canais colhendo o molicho que irá

É o pulso da mulher Gafanhua, mãe de altura, que mais luta dia-a-dia por melhor vida. O fruto dessa luta deu semente,



Gafanhas — vista parcial

arranca à Ria a terra que o mar enfurecido, por vezes, quer roubar.

A Gafanha da Nazaré foi o local escolhido, desde antanho, para porto de pesca. E dessa pesca, costeira e longínqua, começaram a aparecer as grandes empresas pesqueiras que, encostadas lado a lado, são o grande «forte» desta terra.

A «Mulher da Gafanha» do charco fez vida; o Gafanhão da ria tirou o seu pão e ambos, lutando, venceram!

M. A. G.



Barco saleiro



«Homem do Leme» — Museu de Ílhavo

Sobram dúvidas sobre o seu nascimento. Em 1037, segundo registos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, existiu neste local um povoado romanizado que, pelos vestígios arqueológicos encontrados, leva a crer tratar-se de Ílhavo.

Do Illiauum de então se chegou a Ílhavo que, em 1296, foi elevado à categoria de vila e concedido foral.

Embora tão perto de Aveiro e de mão dada com a Gafanha a

ÍLHAVO

gente de Ílhavo é diferente: alta, leve, olhos negros, tez morena, respirando brisas do Oriente e do Mediterrâneo.

Profundamente inclinados para a vida do mar, não sabem viver sem ele e sem a pesca do bacalhau.

É curioso observar-se que até há umas décadas atrás o homem de Ílhavo, se não tinha trabalho na ria ou no mar, preferia passar fome do que trabalhar no campo.

Desde o século XVIII que os ílhavos foram dados aos empreendimentos marítimos, encontrando-se espalhados por todos os continentes trabalhando na arte da pesca. Os que, por força das circunstâncias, não encontravam trabalho no mar emigravam para o Brasil e daí para outras paragens.

Arte da xávega



Foral novo de Ílhavo — Pergaminho manuelino (1514)

As mulheres, dizem, das mais belas de Portugal, crê-se da sua ascendência grega e fenícia, são donairosas, galantes no porte e no traje.

O tipo rude e forte do homem da borda do mar, o pescador de Ílhavo, é valente e temerário.

Das xávegas, dos botirões e das robaleiras, por esse litoral fora, afirmou o seu valor e perícia e assinalou a sua passagem, fundando povoações e núcleos piscatórios, dando-lhes vida, carácter e riqueza.

Esse homem que enfrenta calmo a fúria de todos os elementos... baixa tímido e submisso os olhos perante os ralhos e as vontades da mulher.

É assim o povo de Ílhavo: o mar é o seu lema e o «Homem do Leme» o seu perfil.

M. A. G.



Vista aérea do complexo industrial e cais privativo — Gafanha da Nazaré

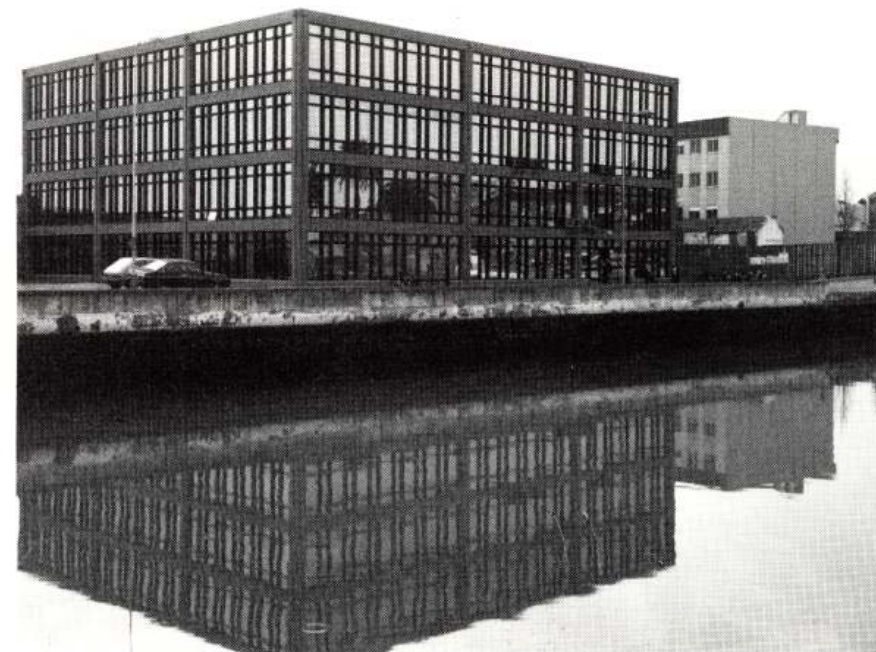
mente e transpostas todas as dificuldades burocráticas foi o navio «Santa Joana» mandado construir na Dinamarca. E a seu tempo lá partiu em viagem experimental, não famosa, mas as seguintes tiveram assinalado êxito.

Degrau a degrau, a EPA foi vencendo, pese fortemente contrariada em seus intentos. Nesta nova modalidade de pesca foi pioneira em Portugal.

Segue-se de imediato a construção do «Santa Princesa»; de-

pois o «Santa Mafalda», «Santo André» e «S. Gonçalinho» que iniciaram a pesca em 1948. Em 1958 constrói-se o «Rio Alfusqueiro», posteriormente transformado em arrastão.

Escritórios da EPA — Aveiro, 1979



A vida da Empresa prossegue: em 1965 é lançado à água, em S. Jacinto, um arrastão pela popa de seu nome «Santa Isabel»; em 1966 nasce o seu irmão gémeo o «Santa Cristina». Em 1968 foi encomendado ao Estaleiro da Lisnave o novo arrastão pela popa, o «Santa Mafalda», que iniciou a pesca em 1969.

Mais recentemente procede-se à construção de três navios polivalentes para a pesca longínqua, o «Murtosa», o «Pardelhas» e o «Calvão», destinados à pesca no Sudoeste Africano e Namíbia, iniciando a sua faina em 1976 e 1977. Os investimentos destes três navios polivalentes excedem os 350 mil contos.

Em 1977 a EPA adquire em França o navio atuneiro cercador «Rio Águeda» ex-«Cap Saint Paul». É o primeiro barco deste género no país. O atum pescado é destinado ao abastecimento da fábrica de conservas da EPA.

A dado tempo a EPA tentou outras modalidades de pesca, a saber: a pesca por arrastões costeiros; a pesca da sardinha, por traineiras; e a pesca do atum com 2 atuneiros que, posteriormente, foram cedidos para Angola.

Como complemento das suas actividades pesqueiras, dispõe a EPA de amplas instalações em terra, como: secagem artificial para bacalhau; 15 câmaras de conservação de bacalhau com capacidade para 6000 toneladas; 5 câmaras frigoríficas e o complexo frigorífico com 4 câmaras com uma capacidade total de 4000 toneladas de peixe congelado devidamente preparado para filetagem e outro processamento de peixe; fábrica de conservas; oficinas metalúrgicas e eléctricas; carpintaria; oficinas de redes, armazéns diversos, etc.

Numa vida tão longa, já sexagenária, eis tanto quanto, numa pequena resenha, nos é dado referir sobre a Empresa de Pesca de Aveiro.

Os vindouros se encarregarão de completá-la no longo futuro de esperança que se adivinha.

M. Armada

60 ANOS

Passam-se os dias, e quantas noites, os meses correm e começa a nascer a saudade. O amanhã virá, mas quando? As notícias são muito raras. E a pesca, perguntam: terá sido boa? Mas o amanhã chegou no dia em que o cabo do mar vislumbra um ponto negro no horizonte e aguarda com paciência que ele se transforme no primeiro veleiro a chegar da viagem: o «Santa Isabel». Reina a confusão, correm os boatos do é e do não é, gritos de alegria e nervosismo, alvoroço, tudo se mistura no desejo de ver de perto, de agarrar, ainda ao longe, os entes queridos. Mas a barra não dá entrada e toda a

alegria do momento se esvai. A esperança daquele dia morre nos corações dos que esperam. E lá vai, velas desfraldadas a perder-se de vista na neblina da tarde rumo ao Douro. Aí deixa a sua carga e volta à Gafanha meio envergonhado.

Isto da pesca do bacalhau tinha muito que se lhe diga!

Em pleno século XX a arte da pesca pouco se adiantava em técnica. Quantos veleiros doutras empresas, amarravam e apodreciam nos portos. O desalento era geral, quando, devido a um golpe de audácia, foram os navios da EPA mandados seguir mais para Norte no rasto dos estrangeiros, rasgando esperançosamente caminho nos mares da Gronelândia. Mas nem tudo que reluz é ouro. A falta de ventos nessas paragens prejudicava o andamento dos veleiros. Redobram-se esforços e então os navios são apetrechados com motores auxiliares.

Quantas críticas então surgiram; mas os veleiros seguiram o seu rumo e a calmaria jamais os deixou parados. Livres, corriam os mares e teimando, venceram!

Correm os anos trinta, altura em que o Estado toma medidas para defesa desta arte. Estão abertos novos horizontes à indústria bacalhoeira.

Foi então que Egas Salgueiro, gerente da EPA, submete à apreciação da assembleia geral a proposta de construção dum navio de arrasto destinado à pesca do bacalhau. Ideia magnífica, que, entretanto, causou críticas e falatórios. Mesmo a instâncias oficiais foi o pedido de construção recebido com certa reserva. Lutou-se desesperada-

Antigos escritórios centrais em Aveiro — 1955



ACHEGAS PARA A HISTÓRIA DA EPA

Falar dos capitães que comandaram os navios da Empresa de Pesca de Aveiro é, sem dúvida, não só historiar a vida desta empresa como também fazer a história dos últimos 60 anos da pesca do bacalhau em Portugal.

Resultante da cisão numa anterior sociedade proprietária e armadora de lugres bacalhoeiros, a EPA também largamente conhecida pela «EMPRESA DO EGAS» e até ainda no burgo, entre os pescadores e pessoal das secas por «O EGAS», foi fundada em 26 de Maio de 1928 por, entre outros, Egas da Silva Salgueiro, Alfredo Ferreira Esteves e Augusto Fernandes Bagão, aonde este entrou com o velho lugre chamado «Fernando» que

na nova sociedade passou a chamar-se «Santa Joana».

Com um plano de actividades bem definido, a nova sociedade propôs-se logo de entrada, mandar ainda em 1928 este navio à Terra Nova, o que de facto aconteceu, sob o comando do capitão Luís Carriço, da Figueira da Foz, e a firmar contrato com os Estaleiros Manuel Maria Bolais Mónica, da Gafanha, para construção dos lugres «Santa Mafalda» e «Santa Isabel» que viriam a efectuar a sua viagem inaugural já na safra

de 1929 sob o comando dos capitães João Simões Chuva Redondo e Manuel dos Santos Labrincha.

Mas quer porque estes navios zarparam para os pesqueiros já muito tarde ou porque não encontraram peixe com abundância para comporem os seus porões, esta sua primeira campanha foi um fracasso especialmente para o «Santa Mafalda», pelo que o capitão Redondo foi logo despedido à sua chegada.

*Paráfrases de artigos já publicados pelo Autor

ACHEGAS...

Entretanto, aconteceu Egas Salgueiro ter encontrado casualmente o capitão João Pereira Cajeira — marinheiro rude e destemido — que lhe contou em conversa amena, ser do seu conhecimento que nos bancos da costa Oeste da Gronelândia, nos meses de Julho e Agosto, os navios de pesca dinamarqueses e faroés faziam muito boas pescas.

Então, logo ali, este capitão foi contratado para chefiar o lugre «Santa Mafalda» com a condição de ir, mas sigilosamente, nesse ano pescar à Gronelândia.

Assim, em meados de Abril, como era prática, uso e costume, sem quaisquer preparativos especiais para nova expedição, lá foi o «Caveira» — alcunha por que era conhecido o Cajeira, que tinha tanto de esforçado e des-

lajos do Virgem Rocos e Nainefadas das Pedras do Leste, estendendo-se pelo Platier e espalcos do Grande banco, no Sapato, no Pé e no Camandro, seguindo pelo Banco Verde, St. Pierre, Ilha das Burras, Miligrão e Esmeralda só raias e algum sanapaio.

No Manolejo colados no visgo os ferros criavam carepa, as amarras tingiam-se de limos e as boias juntavam pampos enquanto as luas iam passando, na esperança de alguma trazer águas menos luzas e mais piscarentas.

Assim ia a pesca na Terra Nova quando os vinte e tais de Junho chegaram e o «Santa Mafalda», colhida a amarra e suspenso o ferro, começou a navegar rumo nor-nodeste da agulha, sem a bordo ter qualquer outra carta da Gronelândia além do quarteirão oeste do Atlântico Norte.

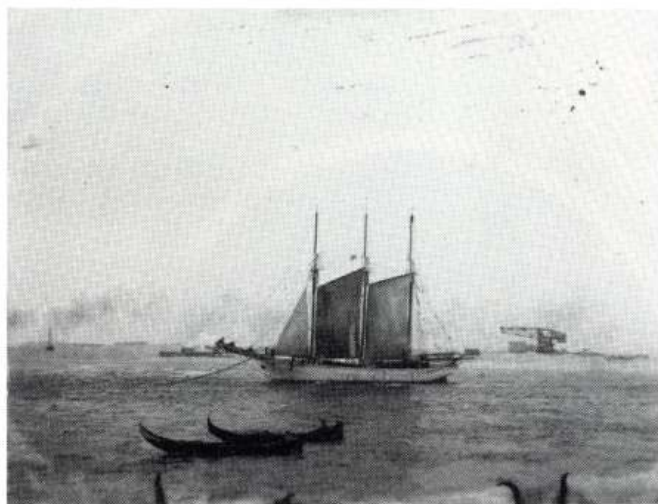
Entregue apenas aos parcos conhecimentos do Cajeira e à sua preocupação em cumprir ao que se tinha comprometido lá foi rumo ao Farwell no extremo sul

«Mafalda» de novo à Terra Nova onde continuou a pescar e regressou a Aveiro em finais de Outubro.

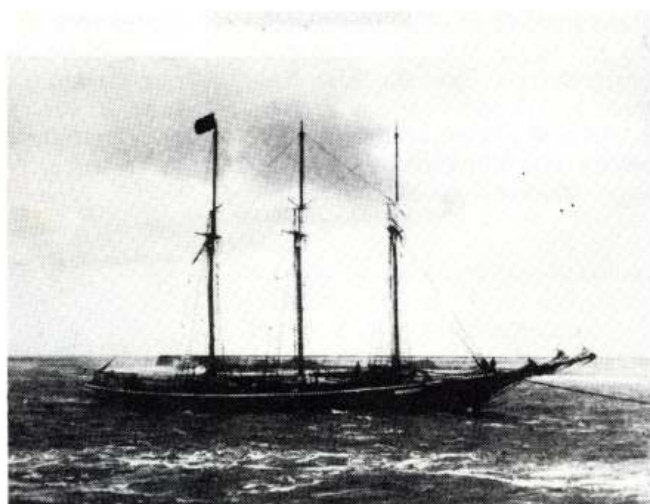
Mas naqueles anos trinta de profunda depressão e crise económica tudo corria mal, pois que até os bacalhaus nas profundezas dos bancos pareciam ter-se mancomunado para tornar ainda mais negros os dias de quem tinha dinheiro investido na indústria de que eles são matéria-prima.

A situação tornara-se extremamente difícil, face à posição económica da EPA — como afinal de todo o armamento bacalhoeiro nacional — que atingia quase a insolvência, incapaz de, por si, conseguir créditos de campanha para fazer seguir os seus navios à pesca nesse longínquo ano de 1931.

Nesta conjuntura reuniram-se os três principais sócios e responsáveis da Empresa, Egas Salgueiro, Alfredo Esteves e Augusto Bagão, com os três capitães Manuel Labrincha do «Santa Isabel», João Cajeira do «Santa Mafalda» e João Ventura



Lugre bacalhoeiro («Santa Joana», ex-«D. Fernando») saindo a barra de Aveiro de polaca, traquete e vela grande



Lugre bacalhoeiro («Santa Mafalda») entrando a reboque a barra de Aveiro

temido como de pouco jeito para as ciências da navegação-rumo ao Grande Banco donde, em finais de Junho, navegaria para a Gronelândia, se ali a pescaria fosse pobre e não lhe garantisse o carregamento.

Mas nesse ano a abundância era de miséria pois desde o banco George ribeirinho de Boston aos

da Grande Ilha, a meter-se nos terríveis e medonhos campos de gelo de água doce vindos dos glaciares com a corrente do leste gronelandez, onde obviamente se viu perdido e terrivelmente amedrontado pela situação.

Gorada a tentativa porque até o fogão nem o pão cozia seguindo os tripulantes, regressou o

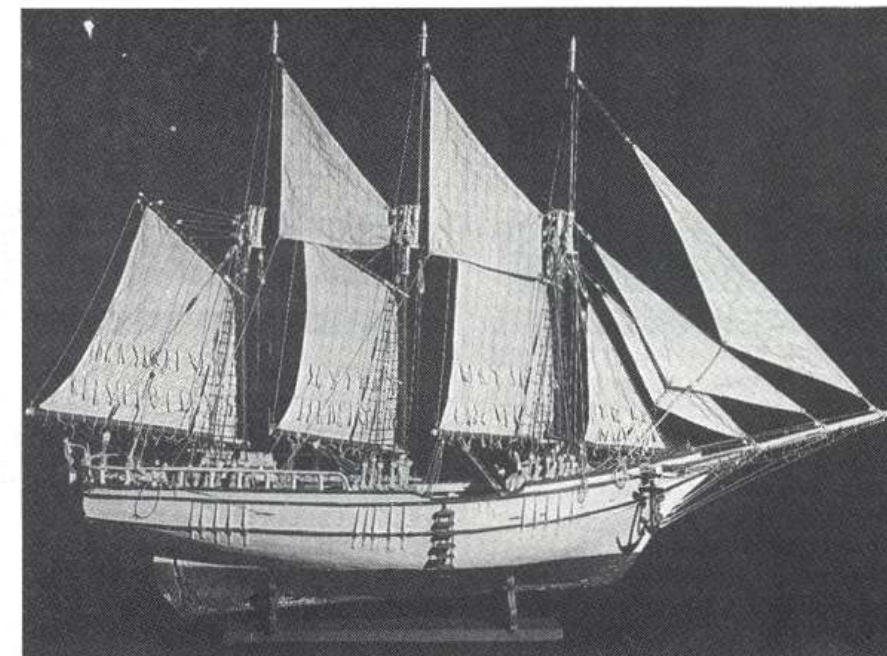


Os anos passaram e esse tempo lá ficou muito para trás. Só a beleza da paisagem se manteve imutável. Aveiro expandiu-se, tornou-se airosa e a sua história foi fazendo.

Todo este quadro serviu de berço à EPA que viu a luz a 26 de Maio de 1928, dia calmo e soalheiro. Sociedade por quotas de responsabilidade limitada, formada pelos sócios fundadores, de Aveiro, Egas da Silva Salgueiro, Alfredo Esteves, Jeremias Vicente Ferreira, Albino Pinto Miranda; Bagão, Nunes & Machado, Lda., de Lisboa; os restantes, Teixeira F.ºs & Ca. Lda., Gregório Rodrigues Pinto; Rodrigo Pinto, Lda., Narciso Pinto Loureiro, Cardoso, Rego & Ca. Lda., e Dr. Américo Teixeira, do Porto. O capital social, uma fortuna, mil contos o que, para o tempo, era uma importância considerável.

Mas a Empresa não parou de crescer. Em Outubro de 1932 entraram para a sociedade Lívio Salgueiro, Pedro Grangeon, D. Diogo Passanha, Carlos Roeder, Leonardo de Carvalho, António Salgueiro, Francisco Lopes e Henrique Rato; em 1938 entrou o Dr. Manuel Esteves, quando já o capital ascendia a dez mil contos; finalmente em 24 de Agosto de 1966 a Empresa transforma-se em sociedade anónima e o seu capital atinge os noventa mil contos.

A acompanhar toda esta dinâmica, a vertente operacional acompanhou o crescimento verificado. E, assim, o lugre «Santa Joana» foi o primeiro a ser adquirido, seguindo-se os lugres «Santa Isabel» e «Santa Mafalda», todos construídos em madeira e saídos dos Estaleiros Mestre Manuel Mónica, da Gafanha. Foram estes três veleiros que em 1929 largaram da ria directos à Barra, velas enfunadas, vaidosos, acenando aos que no cais ficavam a vê-los partir, até perder de vista. E lá vão Atlântico fora!



Modelo de lugre — miniatura



Bacalhoeiros acostados em Aveiro



60 ANOS DA EPA

resenha breve

Estávamos na Primavera de 1928. Se Aveiro era uma cidadezinha pequena e sem pretensões a Gafanha não mais que planura verdejante e arenosa, donde espreitavam aqui e ali algumas casinhas de telhadito escuro.

A viagem até à Barra, atravessando a Gafanha, era difícil ao tempo, em carro puxado a cavalos já cansados e conduzido

por não menos fatigado coxeiro. Mas como a paisagem era bela! Dum lado e doutro as terras alagadas tinham tanta transparência como a ria e delas partia uma luz doirada que, sem ser forte, parecia feita de água trespassada de sol. Por perto uma vela dum moliceiro parecendo navegar entre os campos; mais além um boi parecendo pastar na

água. Água e terra confundiam-se. Quase a saltar para a estrada, em diferentes gradações de roxo, vasto acampamento de salinas. Além, mais perto do mar, a ria a perder de vista, qual tabuleiro de cristal! Muito ao longe a terra prolonga-se e toda esta paisagem torna-se irreal. E as coisas eram tão leves que a luz as atravessava.

Primeiras instalações industriais da EPA



ACHEGAS...

da Cruz do «Santa Joana», a quem relataram a verdade nua e crua da situação financeira da EPA, face ao que estes garantiram, sob palavra de honra de cada um deles de, nesse ano, irem pescar à Gronelândia se para tanto fosse conseguido o dinheiro indispensável para pôr os navios no mar.

É então que aparece Dona Laura Justina Estrela, esposa do marchante Alfredo Ferreira Esteves, senhora de bens e réditos pessoais apreciáveis a dar o seu apoio à expedição e com o seu aval pessoal a viabilizar os créditos que iriam assim prolongar por mais quase cinco décadas a pesca nacional de bacalhau.

Mas quase poderíamos garantir que no audacioso cálculo de probabilidades da intemerata

investidora deve ter surgido como pedra angular a confiança que os vizinhos ilhavos lhe ofereciam de, ela tinha a certeza, serem capazes de levar a bom termo o seu intento sem nada mais exigirem do que os magros e usuais proventos de trabalho rotineiro.

Assim lá foram, mas sigilosamente por imposição do Egas cujo lema era ser o segredo a alma do negócio, os três sem nada combinarem entre si nem uns dos outros saber, com rumo à Terra Nova, mas todos com a certeza de se no regresso, os navios não viessem carregados de bacalhau, o seu inevitável destino seria acabarem por apodrecer na amarração.

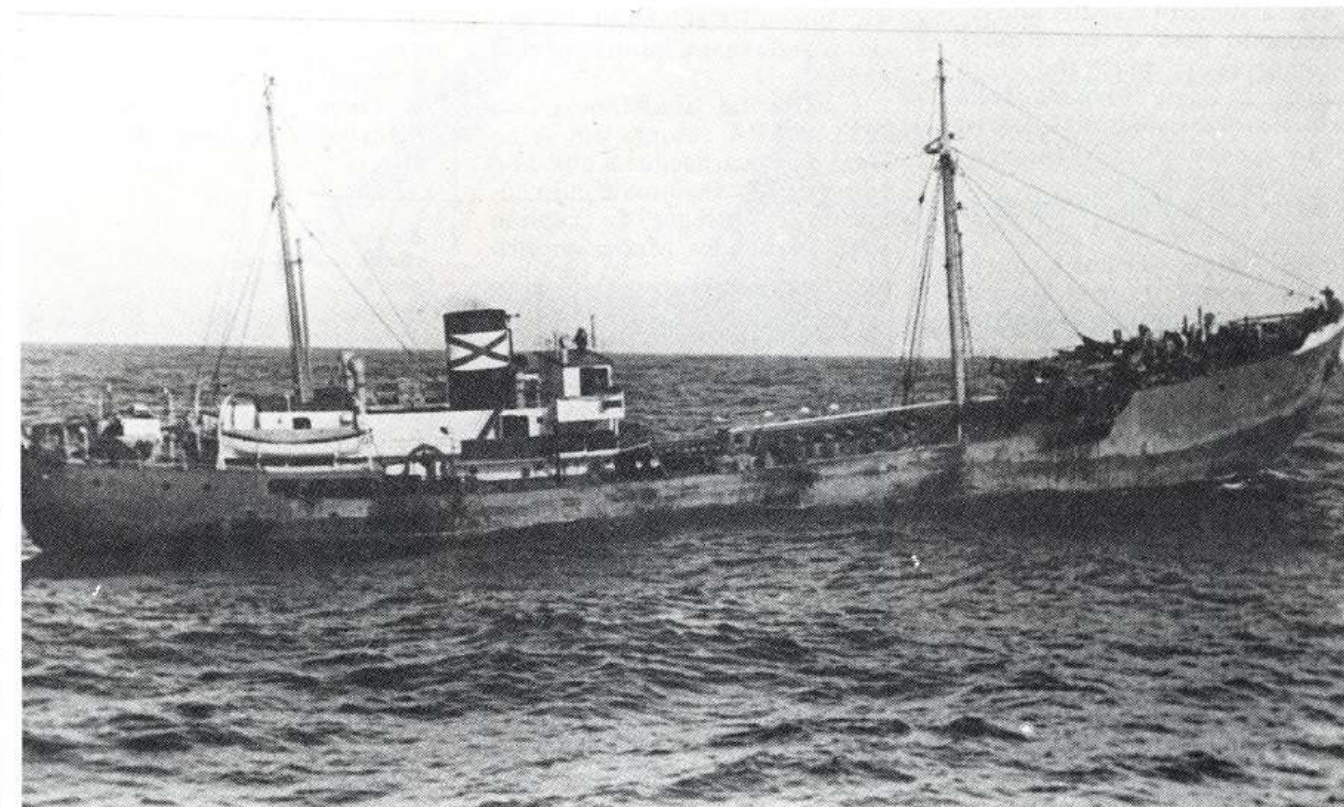
Só o Cajeira, porém, pouco confiante dos seus próprios recursos e escaldado da sua gorada tentativa do ano anterior, logo que se ofereceu oportunidade, em pleno Grande Banco, procurou o seu velho amigo Aquiles Bilelo a convidá-lo para o acompanhar na viagem, mas ao que este se escusou por o seu velho gamelão «Santa Luzia» ter, como veleiro,

tanto de abatimento como de seguimento e por isso ser incapaz de, a partir daquelas paragens, navegar a Norte, com os ventos habituais predominantemente Ponteiros rumo ao Estreito de Davis.

Mas logo tudo ali se arrumou pois que o Cajeira com o seu espada e andarilho «Santa Mafalda» se comprometeu a passar-lhe um cabo de reboque para, enfiando-o no vento, ganhar assim mais barlavento.

Deste modo ligados, navegaram para Norte durante quatro dias até que, numa noite de tormenta, com vento do Sueste frescalhudo, o cabo partiu para não mais se avistarem senão em Portugal.

Arrastão «Santa Joana», ainda no mar, à chegada a Aveiro



ACHEGAS

II

Naquele tempo, na Vila Maruja por costumeira, mulheria aí rente ao meio-dia, assumia vezes sem conta à porta da rua, a saber do carteiro sempre tardio. Mas mal ia, quando passava lesto e antes da hora. Aliás a impaciência logo aumentava se no ar corria o sussuro longínquo da vozearia que anunciava: — Vieram cartas do Banco! Cartas do Banco!

Era tão correntio, alguns navios partem e desaparecem sem rasto deixar que carta chegada era em voz alta lida a toda a gente interessada, pois sempre contava, era da norma, quais os navios que passaram à fala ou os que só ao longe tinham sido avistados, sinal certo e seguro de que, a essa hora, ainda havia vida nesses pequenos mundos do Oceano.

Desta maneira a campanha foi avançando para o seu termo e Setembro ia já quase todo fora quando da Costa Nova mas mais cedo do que o habitual, voa o rebate alvissareiro... Navio à vista...! Navio à Barra...!

Na borda do mar e na Meia Laranja a discussão é acesa. É... Não é... teimavam uns e outros até que o veleiro que vagarosamente vem avançando, ao sondar as dez braças mete à orça, enfia no vento e camba a bombordo. Era mesmo um dos do Egas, o «Santa Mafalda» pesado e com a missão cumprida.

Mas pairava ainda este chape-xuga frente à Barra, perdidas já duas luas em mortificante espera de águas para entrar quando viu surgir ao longe na linha do horizonte a silhueta elegante dum outro veleiro mas emarado que o vento fora soprava baixo e já fresco, convés corrido, limpo e desempachado, sem botes, sem gaiúta e sem albôis, sem borda, apenas destacada pelos cabeços

esgalhados que a bordo do «Mafalda» — fundeado nas 7 braças — pensaram ser navio de viagem seguindo o seu destino.

Mas aqueles olhos de marheiros habituados a perscrutar o horizonte, quer sob a reverbação solar ou nas sombras e negrimes da noite e da cerração, notaram naquela mastreação e aparelho um ar familiar.

Era o Isabel...! Metido, ajoujado em sobrecarga brutal na ânsia de trazer riquezas — para outros nanja para os que o tripulavam felizes e ufanos da missão cumprida — vergado ao peso e aos maltratos, ferido mostrando no seu convés a marca do algoz, mas digno e firme como uma rocha sob a mão hábil e vigorosa do Labrincha incontestavelmente o maior marreiro do seu tempo.

Quatro navios e quatro capitães. Nomes que já ninguém lembra e quase ninguém fixou. Gente modesta e simples nas maneiras, bondosos e afáveis no trato.

No seu porte nada havia de brutal nem de heróico; e o que em terra tinham de tímidos e contrafeitos, no mar eram gigantes que tratavam a Deus por Tu, que no Céu manda, como eles mandavam a bordo dos seus navios.

Face a tal abundância, em 1933, a EPA compra um velho lugre o «Encarnação» a que dá o nome de «S. Jacinto» e cujo comando é entregue ao capitão João Fernandes Matias, o Bri-



Pesca de atum de salto e vara («Rio Águeda»)

taldo.

Contudo, em 1935, num rasgo de progresso e grande alcance e evolução socioeconómica, a EPA, ao perder em plena Gronelândia, o lugre «Santa Joana» que sob o comando de Francisco dos Santos Calão se afundou, abalroado por uma motora de pesca faroé, vende o lugre «São Jacinto» à Empresa de Pesca de S. Jacinto de Coimbra, altera o seu pacto social com a entrada de Carlos Roeder e de D. Diogo Passanha representado pelos seus três filhos e dá o maior

(continua na pág. 14)

Mau tempo. «Santa Joana», «de capa»



o bacalhau...

(continuação da pág. 19)

construir na Dinamarca, em 1936, o primeiro arrastão da frota bacalhoeira de acordo com os mais recentes planos.

A indústria desenvolve-se com a construção de novas unidades atingindo a produção dos 71 navios existentes em 1955, 81% do consumo de 54 340 toneladas de bacalhau salgado seco.

A partir de 1967 a participação da produção nacional inicia a sua diminuição gradual para se cifrar em 11,23% em 1983, descendo igualmente o consumo de 80 920 toneladas em 1969 para 60 247 em 1983.

A capacidade da frota, que em 1935 era de 9726 tons, aumentou progressivamente até 102 000 tons, em 1965. Contudo, o rendimento da pesca efectuada em relação à capacidade da frota, desceu de 85-95% para 67-77%, consequência de uma diminuição da quantidade de peixe e da não evolução dos métodos de pesca utilizados.

Até aos anos 60, os navios fazem uma só viagem, de Março-Abril a Setembro-Outubro e



Túneis de secagem

empregam elevado número de pescadores (pesca à linha), enquanto que outros praticam já o arrasto com mais vultuosas capturas.

Porém, enquanto que a pesca à linha era selectiva, a pesca do arrasto não o é, e os navios portugueses, só preparados para a salga, viam-se na contingência de lançar ao mar todas as espécies capturadas além do bacalhau.

Daí a sentida necessidade de evolução da frota para navios congeladores ou transformação dos arrastões salgadores, pela instalação progressiva de equipamento de congelação.

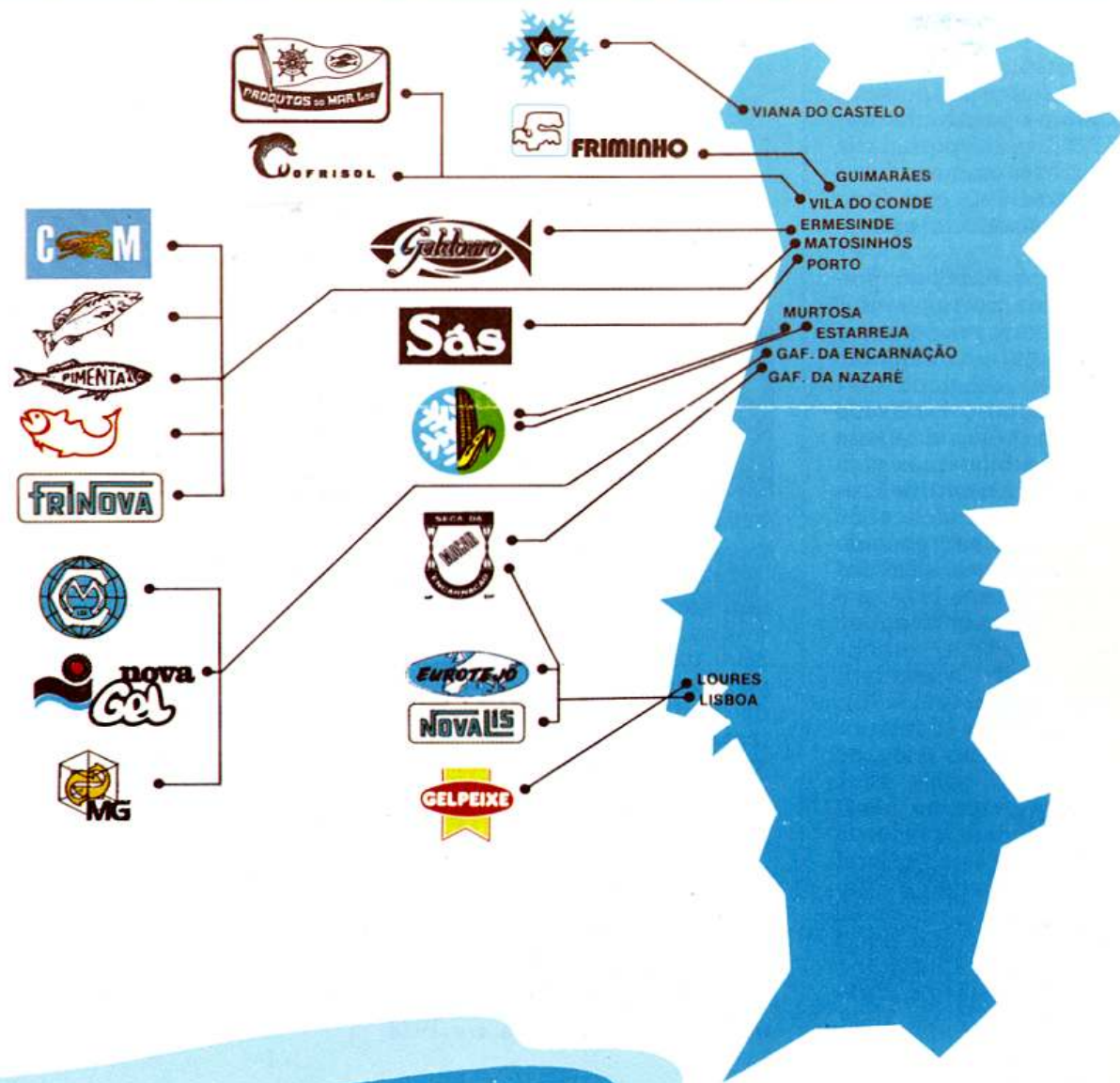
Entretanto, o aumento do esforço de pesca nas águas canadianas, não só da frota portuguesa, mas sobretudo das dos países mais poderosos, provocou uma sensível diminuição da quantidade anual de peixe capturado, em mares onde se julgava que isso não pudesse vir a acontecer.

A partir de 1977, a actividade da frota nacional de pesca do bacalhau sofreu uma redução considerável por não poder continuar a frequentar livremente os pesqueiros tradicionais, instituída que foi a implantação das zonas

(continua na pág. 28)

Frota da EPA atracada em Aveiro





BACALHAU salgado / seco

Dry salted codfish - Morue salée séchée

CONSERVAÇÃO: O Bacalhau é um produto de fácil conservação, a curto prazo à temperatura ambiente, a longo prazo deve ser conservado de 2 a 6 graus (temperatura de frigorífico).



Grupo-GOL DA FUNDAÇÃO À ACTUALIDADE

Consciente dos resultados alcançados no decurso de ano e meio de experiência, treze empresários do ramo constituíram-se, em 30 de Agosto de 1983, numa Sociedade por cotas, com Capital inicial de 20000 contos e a finalidade de adquirir, tanto no mercado interno como no externo, grandes lotes dos produtos que mais consumiam e comercializavam nas pequenas e médias empresas de sua propriedade.

Nasceu assim a "GRUPO-GEL — COMÉRCIO ALIMENTAR E INVESTIMENTOS IMOBILIÁRIOS, LDA."

Entretanto, volvidos quatro anos, confrontaram-se os mesmos empresários com a indispensabilidade de alargar a sua actividade — tão evidente era o insuficiente e acanhado horizonte quando limitado à simples aquisição de produtos que cedia aos seus sócios —

Surgiu então a ideia de reformular o seu agrupamento, transformando-o não só numa Empresa Comercial ainda mais forte, como alargá-lo a outras áreas afins, por força do trajecto já decorrido, as economias acumuladas e a experiência adquirida e demonstrada.

Decorrente de tais pressupostos, foi deste modo que em Dezembro de 1986, o GRUPO-GEL — COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES, LDA. se constituiu numa empresa de Capital social de 150.000 contos.

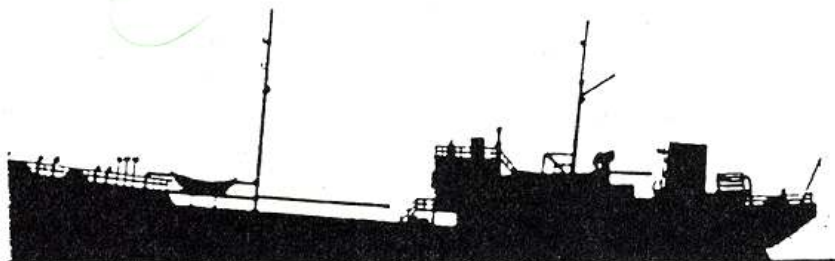
Em boa hora o concretizaram como iniludivelmente o demonstram os resultados de exploração do transacto ano de 1987.



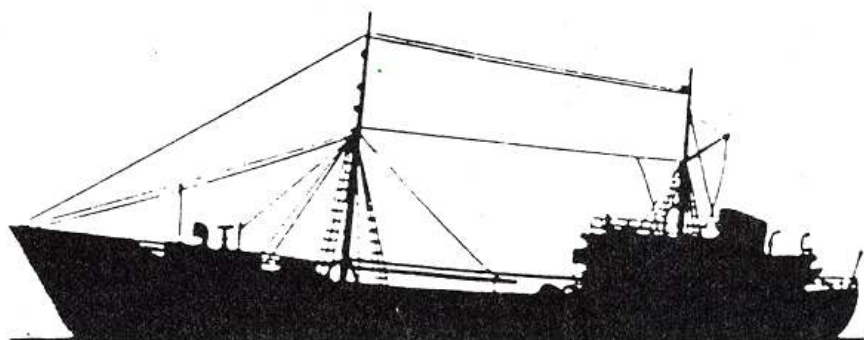
**MACHADO
&
CARDOSO, Lda.**

Cont. N.º 501 279083
Gafanha da Encarnação
3830 ÍLHAVO (Portugal)
Telefs. 36 25 96/649 • Telex 37366 MACAR P
FAX 36 51 12

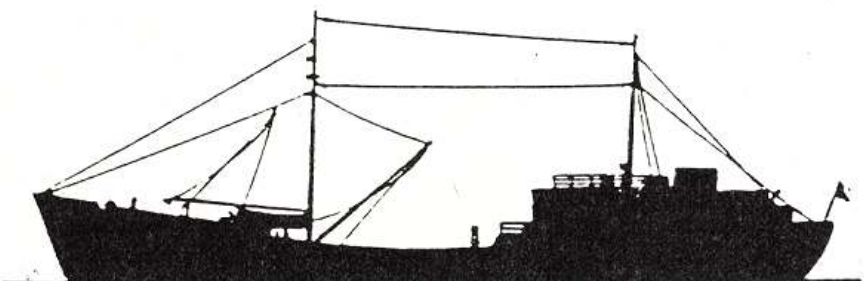
ARRASTÕES BACALHOEIROS



Santa Princesa



São Gonçálio



Santa Mafalda

salto registado na pesca longínqua nacional, mandando construir, na Dinamarca, o primeiro grande navio de arrasto português, especialmente equipado e munido com todos os pertences para a pesca nos mares frios do bacalhau a que deu o nome de «Santa Joana».

Comandado por João Ventura da Cruz, este navio inicia a sua actividade em 1936 levando a bordo além dos 60 tripulantes portugueses da lotação, mais nove pescadores franceses e um maquinista alemão como monitores.

Estes pescadores eram cedidos por uma das maiores empresas de pesca de França, a Morue Francaise a quem a EPA contratualmente pagava 25% do

pescado do «Santa Joana» depois de pagar as respectivas soldadas directamente aos monitores. Em contrapartida, a Morue Francaise obrigava-se a vender à EPA todos os materiais de pesca e outros necessários aos arrastões, assim como a fornecer todas as informações de pesca semanais sobre pesqueiros e quantidades de bacalhau pescado pelos navios franceses.

Só em 1938 é que o «Santa Joana» arranca para o noroeste Atlântico levando a bordo só tripulantes portugueses, comandado por Francisco dos Santos Calão, como «capitão dos papéis» e Manuel Pereira da Bela de capitão pescador.

Ainda por intermédio da Morue Francaise em 1939 a EPA

adquire o arrastão francês Spitzberg, navio incendiado e afundado em St. Pierre e Mi-quellon e que trazido de França a reboque para Aveiro onde foi recuperado, veio a retomar a actividade sob pavilhão português com o nome de «Santa Princesa», em 1940 comandado por António Trindade da Silva Paião.

Foi a partir destes dois navios que coercivamente sem o mínimo de ousadia nem de incertezas pelos resultados futuros, foram copiados os seis arrastões bacalhoeiros que se lhes seguiram, sob a égide da Organização Corporativa, entre 1939 e 1946, data em que os armadores privados foram autorizados, condicionadamente a mais alvarás, cabendo nestes à EPA apenas três que deram lugar ao «São Gonçálio», «Santa Mafalda» e «Santo André», comandados por Francisco Calão, Trindade Paião e José Pereira da Bela respectivamente, enquanto o «Santa Joana» e o «Santa Princesa» por João São Marcos e Manuel Gaio.

III

Durante mais de cinquenta anos, os bancos da Costa Oeste da Gronelândia para os portugueses, desentranharam-se em riquezas e tragédias.

No surto desta abundância, tudo aumentou e cresceu: — em terra o Armamento criou vulto e a bordo... mais perigos, mais sustos e mais cansaças. Aos olhos do mundo, tudo parecia riqueza quando havia muito mais de fortuna.

Imolados à terrível faina, dezenas de pescadores portugueses nos seus dories dormem o sono eterno na cripta monumental do Mar de Bafin e muitos deles disseram adeus à vida ao som do ribombo dos foguetões, do badalar dos sinos e do silvar das sirenes que os chamavam... não já para bordo, depois dum dia de pesca no mar, mas à presença de Deus.

SÃO MARCOS

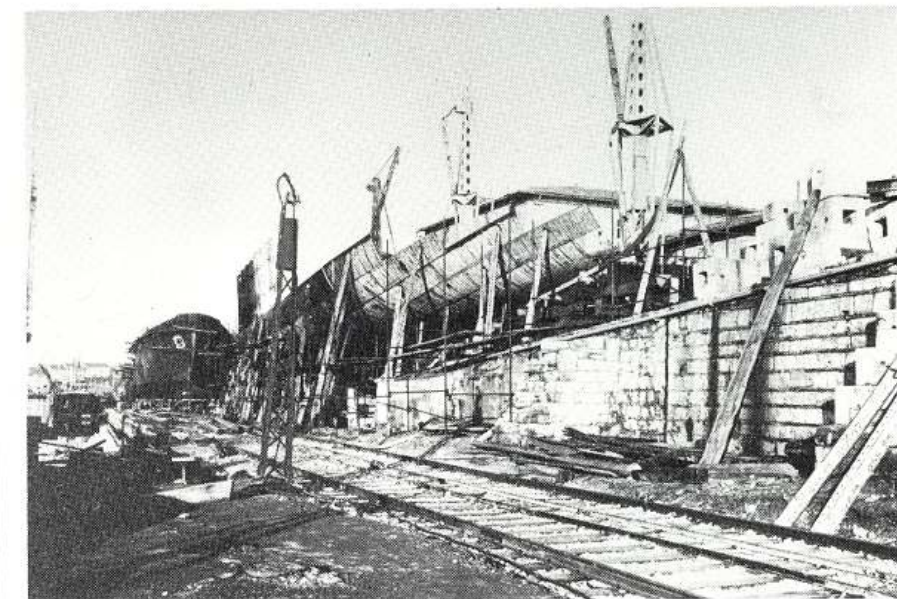
ao imposto interno de pescado de 6,6% ad valorem e respectivos adicionais, ou classificado de mercadoria estrangeira, sujeito ao direito de importação, nesse tempo fixado na pauta aduaneiros em 33 1/2 réis por quilo. Consultada a Procuradoria Geral da Corôa, decidiu-se que fosse considerada mercadoria estrangeira»...

Só em 1886 o bacalhau pescado por navios portugueses é considerado como produto nacional, mas só para os 12 então existentes...

O direito pautal foi elevado para 39 réis o quilo, enquanto que em acordos bilaterais com a Rússia e Noruega, em 1896, os direitos foram reduzidos a 34 réis. Isto é, o bacalhau pescado por navios portugueses, além dos 12 que já existiam em 1886, pagava direitos superiores ao do importado...

A situação só vem a regularizar-se, curiosamente, em 1901, baixando o imposto a 12 réis por quilo sobre bacalhau salgado fresco.

Entretanto, a pesca do bacalhau, até aí reduzida à actividade de duas empresas, Parceira Geral de Pescarias (Bensaude) e Mariano & Irmão, esta última com a Figueira da Foz, como porto de armamento, volta a suscitar o interesse de empresários utilizando-se 31 navios já em 1909,



Construção do arrastão bacalhoeiro (clássico) «Santa Mafalda» — Estaleiros de Livorno, 1947

que produziram 4972 toneladas, e 38 em 1915 que desembarcaram 3900 toneladas de bacalhau salgado verde e representavam 17% do consumo nacional, a percentagem mais elevada de participação da pesca nacional nos primeiros 30 anos do século!

1930 é um ano difícil, em consequência da associação da crise económica mundial, baixando drasticamente os preços do bacalhau, a uma surpreendente carência de peixe nos tradicionais bancos da Terra Nova.

Em 1931, a Empresa de Pesca de Aveiro, constituída em 1928,

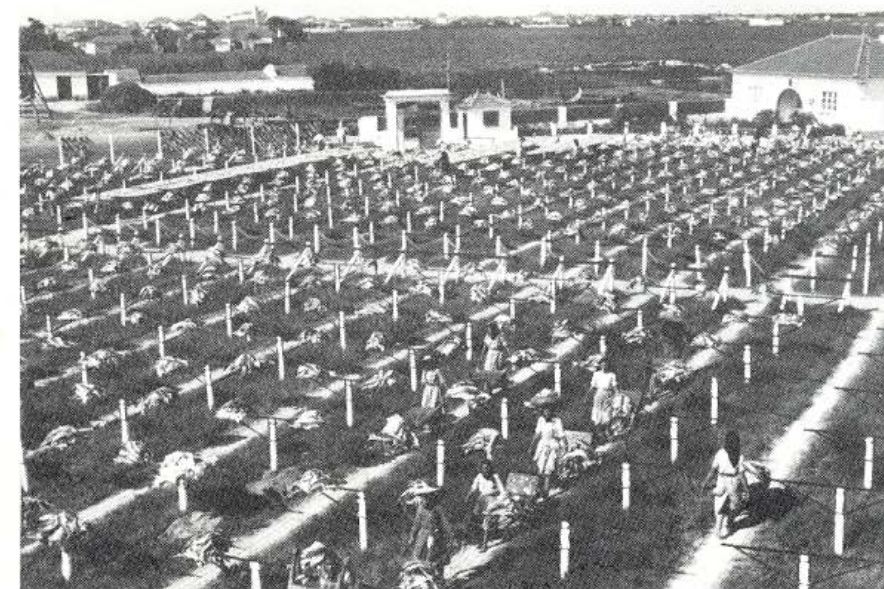
com três lugres construídos em 1929, para evitar a crise em que então a indústria se debatia, toma a iniciativa de os enviar para a pesca nos mares da Gronelândia que, pelo sucesso alcançado, não mais deixaram de ser frequentados pela frota portuguesa.

Com este novo alento a indústria da pesca do bacalhau desenvolve-se a partir de 1934 pela construção de novos navios.

No esforço de renovação e actualização da frota, cabe igualmente à Empresa de Pesca de Aveiro o mérito de ter mandado

(continua na pág. 21)

Antiga seca do bacalhau — recolha ao fim do dia



o bacalhau...

Como processo de conservação que é, a secagem de pescado é uma indústria complementar da da pesca, não podendo ser dissociada dos seus problemas próprios, implicando facilidade e abundância da matéria-prima peixe em determinado momento e a necessidade de armazenagem do produto para utilização em períodos de escassez ou favorecendo o transporte e comércio a distância, sem riscos de perda ou avaria.

Mas, mais do que isso, constitui também um processo de transformação por limitar a actividade biológica própria do pescado até se atingirem características organolépticas desejadas, de molde a tornar o pescado mais apetecido e consequentemente valorizado sob o ponto de vista comercial.

Embora a utilização da secagem de pescado salgado se estenda a várias espécies, de preferência com baixo teor de gordura, como o bacalhau, o carapau, raia, cação e polvo, não raro se utilizam espécies de pesca abundante, mas com maior teor de gordura, como a cavala, destinadas sobretudo à exportação para mercados africanos, onde se

mantêm hábitos introduzidos pelas indústrias da pesca e secagem instaladas no tempo da colonização.

O bacalhau salgado seco constituiu ao longo dos tempos umas das bases de alimentação do povo português, nomeadamente do interior, onde o peixe fresco não chegava e a carne limitada a dias de festa por mais cara ou por o seu consumo estar vedado em determinadas épocas do ano, por imposições religiosas.

A pesca do bacalhau foi-se desenvolvendo, embora sempre insuficiente para assegurar o consumo, pelo que se manteve a necessidade de importar bacalhau salgado seco que ingleses, franceses e suecos negociavam em troca de sal, vinho e couros.

Os barcos portugueses frequentavam os Bancos da Terra Nova, Nova Escócia e Labrador, onde chegou a existir ocupação temporária que a toponímia local ainda hoje recorda e as pescas desenvolveram-se de tal modo que «no reinado de D. Sebastião chegou a ser publicado um Regulamento para as frotas da pesca do bacalhau».

Porém, com a ocupação por Castela em 1580 e a requisição de toda a frota portuguesa para ser incorporada na Invencível Armada, destruída pelos Ingleses em 1588, a marinha portuguesa incluindo a de pesca, sofreu um rude golpe.

As tentativas para fazer ressurgir as pescas do bacalhau depararam depois com dificuldades de acesso aos pesqueiros tradicionais, pelas disputas que ali se desenvolviam a partir do fim do século XVI, entre a França e Inglaterra pela posse das terras do Canadá e posteriormente pelas lutas de independência da América.

O Marquês de Pombal procurou relançar a pesca do bacalhau sem grande êxito e as invasões francesas voltaram a dificultar o seu desenvolvimento.

As importações provenientes de Inglaterra aumentam consideravelmente e só em 1830 se criam incentivos para a pesca do bacalhau que originaram a criação da Companhia de Pescarias Lisbonense.

Em 1848, esta enviou 19 navios com uma arqueação bruta de 2374 toneladas e 325 homens de tripulação que capturaram 659 toneladas, o que deveria corresponder a 5% do consumo.

Em 1888, das 21 108 toneladas consumidas só 932 tinham sido pescadas por navios portugueses, sendo 14 891 importadas de Inglaterra e 5154 da Suécia e Noruega. O valor das 21 108 toneladas foi de 1 682 261,000 réis!

O mais curioso é que, em 1885, se levanta o problema de saber se o bacalhau pescado por navios portugueses na «Terra Nova» deveria ser considerado como produto nacional e como tal sujeito

Arrastão de popa a pescar num banco de gelo



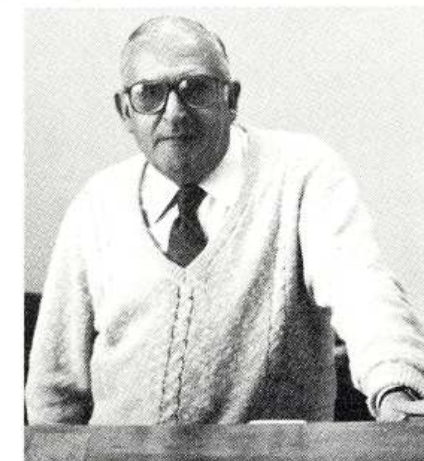
HO ME NA GEM

Joaquim Lemos da Silva Félix se chamava o rapazinho de 14 anos, ainda de calções, que em 1 de Agosto de 1938 entrou para o serviço da Empresa de Pesca de Aveiro que completara, em 26 de Maio desse ano, 10 anos de actividade e tinha então só quatro empregados administrativos.

Sempre igual a si mesmo, sério, trabalhador, há 50 anos que serve dedicadamente a Empresa, sendo, de longe, o mais antigo dos seus trabalhadores administrativos.

Por tudo isto o seu nome merece inteiramente ficar registado neste número da «Flâmula» comemorativa dos 60 anos de EPA, com desejos de felicidades pessoais e longa vida.

64 anos de idade, 50 ao serviço da EPA



Manuel Salgado Mendes, encarregado das Oficinas de redes e lavandaria, iniciou a sua actividade como moço a bordo do lugre S. JACINTO no dia 4 de Maio de 1935, mantendo-se na EPA ininterruptamente até hoje.

Foi moço, pescador, redeiro, mestre de redes, contramestre e é o encarregado do Armazém de Redes desde 1 de Janeiro de 1964 e ainda Presidente da Direcção do Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores da EPA desde 1981.

A sua aplicação ao trabalho e dedicação à EPA não tem paralelo como o prova o lugar que ocupa no Centro dos Trabalhadores da EPA que mantém a Cantina.

53 anos de frutuoso trabalho e abnegação.



O BACALHAU

Breves Apontamentos de História



O bacalhau é uma espécie piscícola cujo habitat se estende às plataformas continentais dos países banhados pelos Oceanos Atlântico e Pacífico, em geral acima dos 40° de latitude Norte. Abundante e pródica, tem sido uma das espécies mais pescadas ao longo dos tempos e de tal forma que recentemente houve que regulamentar as suas capturas.

Embora raramente faça a sua aparição nas águas territoriais portuguesas, o bacalhau prefere as águas mais frias a partir do mar do Norte, pelo que a sua introdução na dieta alimentar dos portugueses deve ter sido originada pelo comércio com os povos do Norte da Europa, celtas, normandos, bretões e escandinavos que se deslocavam ao longo das costas do futuro Portugal, trocando pescado, seco ou fumado, por sal, vinho e azeite.

O tráfico marítimo ao longo das costas foi-se intensificando, não só pelos povos do Norte que desciam o Atlântico, como dos provenientes do Mediterrâneo — gregos, fenícios, cartagineses, romanos, mouros — trocando produtos originários da suas terras, estabelecendo feitorias e explorações, quando não pilhando os bens dos povos ribeirinhos ou atacando outros barcos.

É de crer que nestas operações de reconhecimento e exploração se incluisse a da pesca, conduzindo os pescadores a paragens cada vez mais distantes na procura de pesqueiros mais abundantes e fáceis.

Assim, os portugueses devem ter-se deslocado, pelo menos, até às costas da Inglaterra, onde pescariam o bacalhau, arenque e cavala, da mesma forma que os vikings percorreram as costas do Atlântico Norte fazendo a colonização da Islândia e Gronelândia, para chegar às costas do Labrador e Terra Nova.

Até ao século XV e durante mais de cinco séculos, as explorações marítimas, patrocinadas por mercadores ou grupos de mercadores com autorização dos seus príncipes, desvendam novos mundos, trazendo notícias de riquezas de países ou regiões até então desconhecidas.

Assim aconteceu com a propalada abundância de bacalhau no Noroeste Atlântico, depois da viagem à Terra Nova, em 1497, de João Cabot, veneziano ao serviço de mercadores de Bristol, confirmando as novas de João Fernandes Labrador e Gaspar Corte-Real.

A partir de então, as pescarias portuguesas na Terra Nova desenvolvem-se rapidamente, partindo embarcações de Viana do Castelo e Aveiro, que manteve a tradição de maior porto bacalhoeiro do país, até aos nossos dias.

O pescado capturado era, e foi até há bem pouco tempo, conservado exclusivamente por intermédio da salga, seguida posteriormente de secagem ao ar, o que constitui um dos processos mais antigos de conservação, desenvolvido e utilizado pelos povos da bacia mediterrânica, como ainda se pode verificar nas ruínas romanas de estabelecimentos de salga de peixe, na costa do Algarve e península de Tróia.

Os povos do Norte da Europa, com maiores dificuldades na obtenção de sal marinho, recorrem sobretudo à fumagem de pescado levemente salgado ou, aproveitando as suas condições de climas frios e secos, a uma simples secagem ao ar (stock-fish ou peixe pau).

Apesar da sua antiguidade, estes processos são ainda hoje largamente utilizados na transformação de pescado, satisfazendo hábitos alimentares ancestrais e actualmente divulgados como produtos sofisticados — salmão, arenques, ovas, enguias fumadas, etc. — ou ainda como produtos de grande consumo, como os salgados secos que continuam a ter mercado nos povos mediterrânicos e naqueles que sofreram a sua infância cultural na África, América Central e do Sul.

EPA

